



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



**NARRATIVAS HISTÓRICAS E PATRIMÔNIO:
REFLEXÕES SOBRE ESPAÇOS NEGROS NA CIDADE DE LAGUNA/SC**

Willian Felipe Martins Costa¹

Resumo: esta comunicação tem por objetivo apresentar reflexões sobre a construção de narrativas históricas e demandas por memória no tempo presente, tendo como foco de análise o patrimônio material e os espaços negros na cidade de Laguna-SC. Para tanto, destaca-se a análise de alguns processos ligados ao campo patrimonial na cidade, sendo eles: a restauração da sede da Sociedade Recreativa União Operaria e do Clube Blondin; e reivindicações referentes a espaços e acervos negros na cidade, como, por exemplo, a construção de uma praça e de um monumento no Morro do Rosário em alusão a antiga igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, que existia no local e que foi demolida na década de 1930. Sendo assim, busca-se, a partir de um panorama inicial traçado acerca do patrimônio negro de Laguna, discutir questões como a invisibilidade e a superficialidade legada a essas populações no narrar histórico da cidade. Além disso, pensado esse narrar histórico, propõem-se uma análise sobre as possibilidades de ampliá-lo ao se pensar a partir das experiências das populações negras, considerando o direito de narrar suas próprias histórias reivindicado por elas.

Palavras-chave: Narrativas históricas, patrimônio, espaços negros, Laguna.

ESPAÇOS NEGROS NA PAISAGEM HISTÓRICA DE LAGUNA

Quem chega ao centro histórico da cidade de Laguna, sul de Santa Catarina, ao caminhar por suas ruas estreitas e de paralelepípedo depara-se com uma *cidade-documento* composta de edificações históricas situadas entre morros e a lagoa Santo Antônio dos Anjos; uma paisagem de valor artístico, histórico e natural (JARAMILLO, 2016). Tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) no ano de 1985, o centro de Laguna registra em suas construções as múltiplas experiências de pessoas ao longo do tempo. Nesse sentido, a cidade torna-se um documento, perspectiva que amplia a noção de cidade monumento, atrelada apenas a uma valorização estética. “Esta forma de ver a cidade não está vinculada somente a sua forma urbana, mas também se encontra na sua história bem como em sua natureza paisagística, na sua estrutura natural” (FRANCO, 1984, p. 12 apud JARAMILLO, 2016, p. 24). A Laguna é um documento composto como em um livro repleto de páginas, cada uma delas representa uma

¹ Mestrando do Programa de Pós-graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina. Bolsista Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Brasil. E-mail: will53638@gmail.com



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



edificação dentro da poligonal de tombamento². Cada uma dessas páginas guardam em suas paredes as dores, amores e vivências das pessoas que ali existiam, e em alguns casos, (re)existiram. Nesse sentido, essa cidade-documento é composto também por espaços negros, nas suas permanências e ausências, ancorados na pedra e cal ou nas memórias ancestrais em corpos negros.

Nas próximas páginas buscarei apresentar reflexões sobre a construção de narrativas históricas e demandas por memória no tempo presente, tendo como foco de análise o patrimônio material e os espaços negros na cidade de Laguna - SC. Para tanto, destaca-se a análise de alguns processos ligados ao campo patrimonial na cidade, sendo eles: a restauração da sede da Sociedade Recreativa União Operaria e do Clube Blondin; e reivindicações referentes a espaços e acervos negros na cidade, como, por exemplo, a construção de uma praça e de um monumento no Morro do Rosário em alusão a antiga igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, que existia no local e que foi demolida na década de 1930.

A partir de discussões desenvolvidas nos campos dos estudos Pós-coloniais e Decoloniais, bem como, da História do Tempo presente, irei abordar essas questões patrimoniais tendo como problemáticas suleadoras³ duas indagações: como são narrados esses espaços no presente? Quais as possibilidades de ampliar o narrar da cidade a partir de demandas no presente? Para tentar respondê-las analisarei o material de divulgação das obras de restauração dos clubes, em específico os tapumes produzidos pelo IPHAN; placas informativas sobre o patrimônio, também produzidos pelo IPHAN; e notícias vinculadas ao movimento negro da cidade. A intenção com as reflexões aqui desenvolvidas é contribuir com um pensamento crítico acerca do patrimônio negro de Laguna, discutindo questões como a invisibilidade e a superficialidade legada a essas populações no narrar histórico da cidade. Além disso, pensado

² O Centro Histórico da Cidade de Laguna foi o primeiro conjunto urbano tombado em nível federal no estado de Santa Catarina. Apresenta aproximadamente 600 edificações e abrange uma área de 1,2 Km², com uma população estimada em 3.000 habitantes. A área tombada é definida por meio de uma poligonal, que inclui as encostas dos morros que circundam o sítio histórico e parte da lagoa de Santo Antônio (figura 40). O espaço urbano reflete a diversidade arquitetônica advinda dos diferentes tempos históricos, culturais e econômicos (JARAMILLO, 2016, p. 54) Sobre Poligonal de tombamento: : área claramente delimitada com o objetivo de preservar uma paisagem urbana perceptível e diretamente relacionada com a motivação do tombamento. Fonte: IPHAN. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/normatizacao_areas_tombadas_cidades_historicas_2011.pdf Acesso em 13/02/2021.

³ Por uma questão política de contraposição a uma ideia de “norteadoras”, que coloca o norte global como parâmetro de produção de conhecimento, usa-se o termo “suleadoras” que tem por objetivo deslocar através da linguagem um modo de pensar colonial/ocidental. Tal posicionamento está alicerçado nas discussões de Mignolo, Grosfoguel e Mbembe.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



esse narrar histórico, propõem-se uma análise sobre as possibilidades de ampliá-lo ao se pensar a partir das experiências das populações negras, considerando o direito de narrar suas próprias histórias (MORTARI, 2016) reivindicado por elas.

NARRATIVAS DE UM PASSADO QUE NÃO PASSOU: OS CLUBES E SEUS REGISTROS

Em março de 2019 a sede da *Sociedade Recreativa União Operária* (SRUO) começou a passar por um processo de restauração, coordenado pelo IPHAN e financiado pelo PAC das cidades históricas, que duraria até a primeira metade de 2020. O prédio, em estilo luso-brasileiro, construído no século XIX, faz parte do conjunto urbano tombado como patrimônio nacional na Laguna, além disso, é tombado individualmente em nível municipal desde 1981. A "Operária", como é conhecida pelos lagunenses, foi fundada em 1903, sendo a primeira sociedade recreativa formada exclusivamente por "mulatos" (REIS, 1996, 73). A discussão acerca das identidades e identificações dos seus sócios e a complexidade das relações desenvolvidas com o outro clube negro da cidade, o Clube Literário Cruz e Sousa (1914 - 1950), é pontualmente discutida pelo historiador Júlio César da Rosa⁴ em sua dissertação. Aqui, visto que esse não é o foco da análise, cabe ressaltar que é necessário "situar e colocar a questão da negritude e da identidade dentro do movimento histórico, apontando seus lugares de emergência e seus contextos de desenvolvimento" (MUNANGA, 2019, p. 14). Sendo assim, a Operária é reconhecida enquanto um espaço negro no presente a partir do posicionamento político que reconhece o racismo estrutural e o projeto de embranquecimento imposto no Brasil no contexto do surgimento dessa sociedade recreativa.

Certo dia, caminhando pelo centro da cidade, percebi pela primeira vez o processo de restauração da Operária, me chamando bastante atenção os tapumes instalados no perímetro ao redor do prédio. Comuns na construção civil os tapumes tem a função de criar uma segurança para aqueles que passam perto das obras, mantendo-os distantes dela. No caso das obras realizadas pelo IPHAN essa função é também de fornecer informações e contar uma história. Sendo assim, fui rapidamente observar que narrativa havia sido construída para aquele espaço, quais as histórias e imagens tinham sido escolhidas para dar visibilidade à presença e agência da população negra na cidade.

⁴ ROSA, Júlio César da. **Sociabilidades e territorialidade: a construção de sociedades de afrodescendentes no sul de Santa Catarina (1903/1950)**. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, p. 105. 2011.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



O tapume de divulgação era composto pelos seguintes elementos: quatro textos, uma ilustração, catorze fotografias e alguns logotipos. Dentre os textos, apenas em um encontrei menção a União Operária⁵; no primeiro parágrafo da narrativa dedicada a arquitetura da edificação um breve histórico da ocupação do lugar foi traçado, informando que após a sua construção ali se encontrava um hotel, até ser adquirido pela SRUO no início do século XX. A partir daí a informação que se encontrava é que o prédio “foi núcleo de eventos exclusivos dos negros em contraposição a segregação racial da época” e que “atualmente seus eventos estão abertos a toda a comunidade”. Três linhas apenas são dedicadas a contar a história dessa página da cidade-documento de Laguna. O restante do texto dedicasse às características arquitetônicas do edifício. Das fotografias, quatro fazem referência a localização da edificação; três são datadas da primeira metade do século XX e uma atual. Nenhuma delas contém registros das festividades e sociabilidades do clube. Apenas em um aparecem pessoas, porém, essas participam de uma procissão católica que estava passando na frente do edifício na hora que foi registrada.

Após olhar, ler e reler as informações contidas no tapume, decidi registrar. Em seguida continuei minha caminhada pelo centro histórico. Desci a Rua Santo Antônio em direção a igreja matriz e ao jardim. O incômodo em minha cabeça era alimentado por uma sensação de não existência, de apagamento. Cresci ouvindo histórias dos bailes da Operária que minha família materna, que era frequentadora, me contava. As memórias que me foram passadas não estavam representadas completamente naquele tapume. Sei que pode parecer exagero, afinal era algo temporário, logo seria retirado, pensei na hora, mas o incômodo persistia. Até que caminhando mais um pouco cheguei à região da praça central, que abriga edificações bastante significativas - a igreja de Santo Antônio, o Centro Cultural, o Museu Casa de Anita e dois clubes recreativos; que para minha surpresa um deles encontrava-se em restauração.

A sede do *Clube Blondin* estava passando também por um processo de restauração, assim como a Operária, desde março de 2019. Ao perceber isso, fui logo em direção ao clube na intenção de observar que narrativa havia sido construída para aquele espaço. O Blondin foi fundado em 1887 pela elite branca local (REIS, 1996, p. 56) e as memórias que me foram passadas falam dos grandes bailes que minha família, ou qualquer pessoa negra, não podiam frequentar, isso até meados da década de 70.

⁵ Os outros textos eram referentes ao projeto PAC das cidades históricas; ao projeto de intervenção e a presença do IPHAN na cidade de Laguna.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO 2021 PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



A narrativa fotográfica foi a que mais me chamou atenção, porém, a narrativa escrita é bastante interessante e merece também uma análise. Nela encontrei as informações sobre as características arquitetônicas da edificação e o projeto de intervenção, assim como no tapume da Operária, mas, além disso, um histórico de reconhecimento de importância e valorização.

O Clube Blondin foi fundado em 15 de novembro de 1887, como ginásio Clube Blondin. O principal objetivo dos seus fundadores era estimular as atividades esportivas na sociedade, por isso escolheram o nome inspirado num grande equilibrista francês daquela época, chamado Charles Blondin. Em 1907 foi construída a primeira sede do Clube, localizada na Praça Vidal Ramos, onde hoje funciona o Escritório Técnico do IPHAN. Em junho de 1943, foi construída a sede que permanece até hoje, em um terreno mais amplo que permitisse a ampliação com área esportiva, jogos e espaço maior para bailes. Este Clube, assim como os demais, é um grande agente social promotor de lazer e sociabilidade, cujas atividades se estendem para além das suas dependências. As festas de Carnaval e os bailes comemorativos eram muito concorridos, até o início dos anos 200, quando começa a cair em desuso ou mesmo se deslocar para outras áreas da cidade. Com isso os Clubes precisam se reinventar para oferecer novas atividades e manter sua essência viva, ou seja o estímulo à sociabilidade⁶.

A partir da comparação das narrativas sobre dois patrimônios materiais da cidade de Laguna é possível evidenciarmos algumas coisas; a reminiscência de uma narrativa colonial sobre a cidade e as relações raciais pautadas a partir dela, onde a racilização e a invisibilidade são legadas sempre ao “outro”, nesse caso ao negro.

Laguna, inserida em um contexto nacional e estadual, tem sua historiografia marcada pela modernidade/colonialidade⁷. Assim como no Brasil, que na primeira metade do século XIX recorre a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - IHGB, para sanar a preocupação em construir uma história que afirmasse uma identidade nacional ligada à monarquia e garantisse nossas fronteiras, Santa Catarina no início do século XX, com a criação do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina - IHGSC, buscou sanar preocupações semelhantes em um contexto diferente. As demandas políticas frente a República e as disputas de fronteiras do Estado, bem como, a necessidade de criar narrativas históricas que proporcionasse uma identidade para os povos que aqui viviam ganham nesse momento destaque (GONÇALVES, 2006). Para isso, vários historiadores dedicaram-se à construção de narrativas

⁶ Transcrição do texto fotografado no tapume da obra de restauração do Clube Blondin. Autores da Campanha: Peifer Engenharia. Arte: Escritório Técnico de Laguna (IPHAN).

⁷ Walter D. Mignolo, pensador argentino, vai colocar que modernidade/colonialidade são categorias analíticas da matriz colonial do poder e que uma não está dissociada da outra (MIGNOLO, 2008, p. 249).



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



sobre os elementos que em suas concepções eram os formadores do Estado e tinham a necessidade de ser destacados. No entanto, inseridos na colonialidade, pautados em referenciais eurocentrados e no racismo do século XIX, pouco se ativeram a presença e agência e vivências das populações de origem africana e indígenas, e quando o fizeram, foi de forma reducionista, homogeneizante e inferiorizante.

Em Laguna um silenciamento histórico pairou sobre as populações negras no pós-abolição. Se esse silêncio era quebrado, muitas vezes a abordagem não evidenciava as agências históricas desses sujeitos, ou até as reduzia, sendo possível encontrar poucos que os tenham abordado de forma menos objetificada. Oswaldo Rodrigues Cabral, historiador branco que na primeira metade do século XX foi um dos autores, se não o mais importante, a definir o panorama historiográfico acerca da cidade, por exemplo, em seu livro *Laguna e outros ensaios* (1939) coloca que a presença de escravizados na então província de Santa Catarina foi insignificante e que sendo assim “Não é de admirar que, com a reduzida porcentagem de cativos existentes em Santa Catarina que nada ou quase nada tenha ficado em nossa literatura e em nossa história a seu respeito” (CABRAL, 1939, p. 166).

Esse mesmo padrão de narrativa histórica encontrei caminhando pela cidade nos materiais de divulgação das obras de restauração. Uma narrativa que expressa, segundo o conceito do historiador francês Henry Rousso, “um passado que não passa” (ROUSSO, 2016), ou seja, o passado colonial, presentificado na estrutura da matriz colonial de poder. A matriz colonial de poder diz respeito às estruturas impostas pela modernidade para aqueles que, em um primeiro momento, configuraram as colônias e hoje são o sul-global. Esses experienciaram o outro lado da modernidade, a colonialidade. Essa que, segundo o sociólogo peruano Aníbal Quijano,

Sustenta-se na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do referencial padrão de poder e opera em cada um dos planos, meios e dimensões, materiais e subjetivas, da existência social cotidiana e da escala societal. Origina-se e mundializa-se a partir da América (QUIJANO, 2009, p. 73).

Nesse sentido, a estrutura da colonialidade invisibiliza e hierarquiza experiências; influenciam nas identidades e causa o que a filósofa brasileira Sueli Carneiro (2005) vai chamar de epistemicídio; o genocídio de epistemologias.

Para nós, porém, o epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



indigência cultural: pela negação ao acesso a educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da auto-estima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento “legítimo” ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a seqüestra, mutila a capacidade de aprender etc (CARNEIRO, 2005, p. 97).

A indulgência cultural descrita por Carneiro se expressa também na narrativa escolhida para o Clube Operária, caracterizando no tapume de restauração um processo de epistemicídio. Ao trazer apenas três linhas dedicadas a contar a história da SRUO, que é uma página da cidade-documento de Laguna, deslegitima a agência histórica da população negra ao narrá-la de forma superficial. Desqualifica a produção de conhecimento dessas populações ao não reconhecer sua importância e valorizar sua presença na constituição e desenvolvimento da cidade, nos segmentos sociais, culturais e econômicos. A narrativa fotográfica, onde apenas o prédio é destacado, evidencia a invisibilidade legada aos negros ao não trazer as pessoas utilizando aquele espaço, vivendo nele. A ilustração tão pouco contribui para trazer um significado de agência histórica atrelado ao lugar; sem referência, representa, ao que parece, um vendedor de bananas com um cesto na cabeça. Seria uma alusão aos escravizados de ganho? Teria alguma relação com as atividades econômicas dos sócios da Operária? Não há uma conclusão.

A reminiscência de uma narrar colonial da cidade, voltado para a valorização de uma agência branca de origem portuguesa, pautada por referenciais europeus, como, por exemplo, Charles Blondin, famoso equilibrista francês, fica evidente na narrativa escolhida no tapume do Clube Blondin. Assim como no tapume da Operária, nesse, temos um texto dedicado à arquitetura da edificação, porém, a grande diferença é que nele a parte que menos é falada é de sua arquitetura de linguagem neocolonial, deixado destaque para a historicidade da sociedade recreativa. Nesse texto, destacado anteriormente, o foco é o Clube e sua história. São informadas a data de fundação, a origem do nome, a localização da primeira sede e a data de construção da atual, além disso, são reconhecidos sua importância e valor ao colocá-lo (Blondin) enquanto “um grande agente social promotor de lazer e sociabilidade” e destacar a necessidade de “manter sua essência” de sociabilidade tão cara a Laguna viva.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Das vinte e quatro fotografias que encontrei, vinte eram de pessoas. Algo que me chamou bastante atenção em comparação com as fotografias escolhidas para a Operária, já que, ao contrário daquelas, a narrativa contada a partir dessas é de existência. Nelas observei pessoas sorrindo, confraternizando, dançando e vivendo. Eu consegui até imaginar uma *paisagem sonora*⁸ (SCHAFER, 2019) ao ver as fotografias de músicos com seus instrumentos ou os “bloquinhos carnavalescos” de salão, enfileirados. São fotografias que registram boa parte do século XX e evidenciam a existência e a importância da agência histórica da população branca da cidade. Sim! Em quase todas as fotos são mostradas apenas pessoas brancas, salvo uma onde um músico negro aparece. A narrativa marcada pela colonialidade fica expressa nesses diferentes elementos escolhidos para compor o tapume, sejam textuais ou fotográficos; colaboram para manter uma percepção que atribui a apenas um grupo, branco eurodescendente, a formação da cidade de Laguna.

Ao observar as fotografias outra questão que me veio à cabeça foi o silenciamento acerca de relações raciais. É interessante observar que a Operária foi colocada enquanto um espaço de sociabilidade negro “frente à segregação racial da época”, porém, essa segregação se dava pelo racismo e a relação com a população branca. Nesse sentido, é como se faltasse uma parte do quebra cabeça histórico se os clubes brancos não são mencionados. Passando assim uma noção de que o racismo é um problema do negro, quando, na verdade é um problema de toda a sociedade. Mais interessante ainda é observar que a Operária é racializada, entretanto, o Clube Blondin não. Mesmo com uma narrativa fotográfica onde o destaque são pessoas brancas, nenhuma menção a uma identidade branca é feita no texto informativo do tapume. Entendo essa situação a partir da reflexão do filósofo brasileiro Silvio Almeida, onde ele coloca que: “De fato, o ser branco é uma grande e insuportável contradição: só se é “branco” na medida em que se nega ser portador de uma raça. Ser branco é atribuir identidade racial aos outros e não ter uma. É uma raça que não tem raça” (ALMEIDA, 2019, p. 78). Com isso, identifico que essa também é uma reminiscência da matriz colonial de poder, expressa no racismo estrutural, onde a

⁸ O conceito de *paisagem sonora* representa, segundo o educador musical e ambientalista canadense Raymond Murray Schafer, a turbulência de prazer e dor que nossos ouvidos experimentam do momento em que acordamos até quando vamos dormir (SCHAFER, 2019, p. 127). Nessa perspectiva todos os sons percebidos ao nosso entorno podem compor uma paisagem. Assim como nossos olhos captam a imagem de um determinado lugar, como uma fotografia, formando uma paisagem imagética, nossos ouvidos captam o som e formam uma paisagem, no entanto, sonora. Essa paisagem não necessariamente precisa ser ouvida pelo sujeito na hora, pode ser identificada e traçada posteriormente, pois deixa registros. Pinturas, documentos, fotografias e literatura são alguns exemplos de fontes apontadas por Schafer onde podemos identificar uma paisagem sonora.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



racilização e a invisibilidade são legadas sempre ao “outro”, nesse caso ao negro. Fica evidente essa relação na diferenciação, intencional ou não, das escolhas de composição das narrativas para o clube negro e para o clube branco.

As reflexões e críticas levantadas nesse texto caminham na perspectiva em que ao se contar a história de uma edificação, seus usos ao longo do tempo, reconhece-se que ela faz parte de uma cidade-documento; que registra em suas paredes a expressão da vida das pessoas. Além disso, é um suporte de memória de vivências e agências na cidade, ligando de fato a edificação à vida, a partir da atribuição de sentidos dados pela população. Sentidos esses, que no presente, geraram demandas acerca dos espaços negros e suas narrativas na cidade de Laguna.

NARRANDO SUAS PRÓPRIAS HISTÓRIAS: POSSIBILIDADES NA DEMANDA

O incômodo que eu senti, uma sensação de não existência, ao não ver narrado no tapume da Operária as memórias que cresci ouvindo na minha família materna foi sentido também por pessoas que me antecederam. Porém, elas deram sentido político a esse sentimento e iniciaram a luta pelo reconhecimento e valorização da população negra na cidade de Laguna. Essa luta vem sendo construída a bastante tempo, podemos pensar na própria criação de sociedades recreativas como a União Operária em 1903. Com o passar do tempo essa mesma luta foi se modificando e atendendo as demandas do seu presente. No ano de 2012, por exemplo, foi fundado o Instituto de Inclusão Social Gangazumba - Movimento Negro Laguna/SC, tendo sua utilidade pública reconhecida por lei municipal em 2017. De lá para cá, o instituto empreendeu ações na cidade visando o reconhecimento e a inclusão de questões ligadas à temática afro-brasileira, que foram sistematicamente invisibilizadas pela colonialidade na cidade. Invisibilidade essa sustentada por um passado colonial que, ao mesmo tempo em que nega o protagonismo às populações negras faz com que no presente, a partir de incômodos como o que eu senti, surjam demandas e reivindicações políticas.

Nesse sentido, um importante exemplo de articulação política vem acontecendo nos últimos anos na cidade. Essa articulação parte do diálogo construído com a comunidade local e o Conselho Municipal de Política Cultural de Laguna, através do Fórum Setorial de Culturas Afrobrasileiras, ambos ligados à Fundação Lagunense de Cultura. A professora Juliana Regazoli, atual presidente do Conselho Municipal de Política Cultural e representante da Setorial de Cultura afro-brasileira, que contribuiu com informações para a construção dessa



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



reflexão⁹, contou que a partir de um longo trabalho de diálogo e parceria com a comunidade vem buscando construir políticas públicas junto a FLC, aliando uma atuação militante e profissional na busca por direitos frente ao poder público. Nessa perspectiva, dentro das atividades da 17.^a Semana Nacional dos Museus de 2017, em Laguna, foi realizada uma agenda de atividades, dentre as quais, uma mesa redonda intitulada “Visibilidade e Presença negra no Museu”, que aconteceu no Museu Histórico Anita Garibaldi.

A mesa foi composta por diferentes pessoas que trouxeram em suas falas perspectivas negras acerca da cidade. A professora Juliana Regazoli falou de uma "Perspectiva sobre a memória negra em Laguna" onde destacou a possibilidade da aquisição e preservação de acervos que considere a diversidade étnica, cultural e social do povo brasileiro e lagunense a partir da Política Nacional de Museu, em que a noção de patrimônio cultural é pensada a partir do reconhecimento e valorização da diversidade. A professora Claudete do Nascimento contribui com uma fala acerca da professora Julia Chrispina do Nascimento, sua bisavó e primeira professora negra da cidade, que no ano de 1903 montou uma escola mista para a alfabetização em Laguna (NASCIMENTO, 2006). O procurador do município Antonio Luiz dos Reis trouxe em sua fala a memória da antiga igreja de Nossa senhora do Rosário dos Homens Pretos que existiu na cidade até a década de 1930. Destacando a importância do espaço do Morro do Rosário, hoje vazio, para o reconhecimento da presença e memória negra na cidade. O guia de turismo Antônio de Oliveira realizou sua fala abordando o projeto de reconhecimento póstumo ao poeta catarinense Cruz e Souza, que no ano de 1883, devido ao racismo, foi impedido de assumir o cargo de promotor do município de Laguna. A mesa foi coordenada pelo professor e pesquisador Júlio da Rosa, que desenvolveu uma importante pesquisa e lançou um livro sobre as sociedades recreativas União Operária e Clube Literário Cruz e Souza. A partir dos diálogos estabelecidos nesse evento, considerando as demandas apresentadas da comunidade local, representada pelo Fórum Setorial de Culturas Afrobrasileiras, ligada ao

⁹ Juliana Regazoli participou como ouvinte do simpósio temático “Tempo presente, patrimônio cultural e lutas por direitos nas Américas” no IV Seminário Internacional de História do Tempo Presente - UDESC. Após minha apresentação destacou um incômodo ao não notar em minha fala algumas questões centrais dos processos de demanda por memória e narrativas históricas negras em Laguna. Processo ao qual ela faz parte enquanto uma das principais articuladoras. Até o momento da apresentação as minhas fontes para a escrita da reflexão sobre as demandas das populações negras em Laguna foram notícias vinculadas a secretaria de comunicação do município, ou seja, bastante limitadas. Sendo assim, pedi que Regazoli contribuísse com minha reflexão fornecendo informações. A partir delas, fiz importantes alterações no texto. Acredito ser importante registrar essas questões aqui enquanto parte do processo de construção e aperfeiçoamento do conhecimento. A Juliana Regazoli agradeço a disponibilidade e a paciência.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Conselho Municipal de Política Cultural de Laguna, foi criado um documento com doze demandas do segmento, e apresentado à Fundação Lagunense de Cultura, em 2017. Dentre elas, por exemplo, a construção de uma praça e de um monumento no Morro do Rosário após escavações, laudo técnico e decisão tomada junto à comunidade; a construção de um espaço dentro do Museu Anita Garibaldi com um acervo museológico referente a presença negra na cidade, e a criação de um Centro de Referência Cultura Negra/Afro-brasileira em Laguna. Esse com o intuito de abranger todos os elementos da cultura afrodiaspórica na cidade, desde acervos, oficinas, eventos e outros.

Essas demandas que acabei de citar, que estão inseridas na luta política antirracista pelo reconhecimento e valorização da população negra, abarcando narrativas, memórias e espaços negros em Laguna, empreendida pela comunidade, vão ao encontro de um movimento crescente no país, onde novos atores sociais estão no centro da articulação de construção dos seus próprios lugares de memória. Destacando-se nesses processos o conceito de territórios negros, que articula o patrimônio cultural, memória e construção de identidades no presente (ZUBARAN; SILVA, 2012, p. 136). Esses movimentos são frutos da luta política dos movimentos negros no Brasil e é a resposta “a uma histórica invisibilidade das questões étnico-raciais nas instituições oficiais e tradicionais de memória” (FREITAS, SILVA E FERREIRA, 2008, p. 124 apud FELIPE, 2015, p. 119).

Dito isso, aliado a essas questões, o que mais podem essas demandas nos evidenciar? Primeiramente, destaco o conceito que o escritor igbo nigeriano Chinua Achebe vai chamar de “equilíbrio das histórias”, que diz respeito ao direito de populações subalternizadas narrarem suas próprias histórias (MORTARI, 2016). Direito esse que foi negado pela colonilidade no Brasil quando fundamentou a construção de uma narrativa histórica, em sua grande maioria, feita por e para homens brancos. A partir do conceito de Achebe é possível perceber a agência histórica e a atuação política da comunidade negra na cidade de Laguna no tempo presente. Além disso, é possível perceber que as relações que se constituem nas dinâmicas entre presente, passado e futuro, são parte da luta política e apresentam características que fazem parte das discussões do campo da História do Tempo presente. No caso de Laguna o conceito de passado que não passa de Rousso compartilha do sentido dado por Gonzaga, onde,

O passado que não passa é a ferramenta política pelo qual a eterna transição em uma experiência cultural colonial é interrompida e o presente é retomado para que o futuro só possa acontecer quando uma verdadeira democratização



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



acompanhar as políticas públicas movidas pela diversidade [...] O passado que não passa é a arma pelo qual os negros puderam impor uma política antirracista (de descolonização) no presente (GONZAGA, 2015, p. 65).

As lutas empreendidas no presente pelas populações negras em Laguna além de construir sentidos e significados mais justos a sua presença e de seus ancestrais na cidade contribuem com o conhecimento sobre a cidade-documento e o campo do patrimônio nacional. Pensando essa questão, quais seriam as possibilidades para essa cidade a partir das demandas da comunidade? Aqui é necessário se pensar a importância dos patrimônios negros não só porque eles documentam a cidade e as experiências históricas que ali passaram, mas, também, por terem significados para uma parcela de sua população. Um significado de existência, de pertencimento, construído a partir do presente. Com certeza uma das possibilidades que se apresentam a partir das demandas é a de construir um presente e um futuro onde as pessoas negras da cidade contribuam com as suas perspectivas sobre ela e se vejam representadas. Todas às doze demandas construídas coletivamente com a comunidade através do Fórum Setorial de Culturas Afrobrasileiras tem o potencial para tanto. Mas aqui destacarei novamente três que estão de certa forma mais próximas ao patrimônio material, sendo elas: o memorial do Morro do Rosário, o espaço no museu e o Centro de Referências.

Encontrando-se no alto de uma elevação nas imediações do Potreiro, região inicial do centro da Laguna, o templo católico dedicado a Nossa Senhora do Rosário dos Pretos destacava-se no cenário. Tendo sua construção iniciada em 1845 o templo abrigava os cultos, festejos e sociabilidades de africanos e seus descendentes no século XIX e início do século XX. A igreja foi demolida na década de 1930, dentro de um movimento nacional de apagamento da presença negra no país, como destaca Sayão (2013). Nessa perspectiva entendo “A destruição dos suportes da memória coletiva de um grupo é uma das formas mais eficazes de dominação e desagregação social” (FONSECA, 2001, p. 88 apud TANCCINI, 2008, p. 41). Sendo assim, a demanda do memorial, que deve ser pensado junto da comunidade, possibilita uma descolonização da paisagem ao marcar no alto do morro, onde a cidade toda verá, a presença e memória de um espaço ancestral. O morro, que um dia foi território de (re) existência, e que hoje, a igreja, existe enquanto território ancorado nas memórias em corpos negros (ANTONACCI, 2013), voltaria a ser um referencial, uma página, na cidade-documento escrita a partir de perspectivas negras.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Já as demandas do espaço no museu e o Centro de Referências, pensado na questão de construção e organização de acervos, têm como possibilidade permitir a construção de narrativas mais plurais sobre Laguna. Além disso, a construção dos acervos pode possibilitar também uma maior integração da comunidade com a construção dos espaços negros da cidade e de suas próprias narrativas a partir de políticas públicas, não só como beneficiários delas, mas como construtores do processo. Um importante exemplo que está sendo desenvolvido atualmente na cidade é o projeto de um acervo expográfico da presença negra na cidade. Juliana Regazoli me informou que meses após o evento realizado em decorrência da semana nacional dos museus a Fundação Lagunense de Cultura lançou um edital para a criação desse acervo, do qual ela foi proponente de um projeto intitulado a "Presença negra em Laguna: patrimônio, memória e narrativas plurais". O projeto foi contemplado pelo edital e atualmente está em desenvolvimento. Regazoli destacou que o trabalho de busca pelo acervo fotográfico se dá imprescindivelmente junto à comunidade, que se torna fundamental nesse processo, caracterizando um trabalho que considera a construção do conhecimento histórico e do campo do patrimônio com, sobre e a partir dos sujeitos. Não posso deixar de pensar o quanto esse projeto seria fundamental na construção da narrativa do tapume do Clube União Operária, discutido na primeira parte dessa reflexão. Quem sabe o acervo fotográfico construído a partir da luta política das populações negras de Laguna construiria uma narrativa a partir das imagens que dariam significados outros a edificação. Certamente o sentimento que me ocorreria ao ver o tapume seria, além de encanamento, de existência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise dos materiais de divulgação da restauração de dois clubes da cidade de Laguna abordei algumas questões acerca de espaços negros na cidade, em específico a União Operária. Busquei identificar reminiscências de um passado no narrar histórico sobre o clube negro (Operária) e o clube branco (Blondin). Identifiquei que a perspectiva de cidade-documento, onde cada edificação e as marcas de múltiplas vivências nelas contidas formam uma página da Laguna, foi apropriada de forma diferente em relação aos dois espaços. Os elementos textuais e as fotografias dos tapumes, contavam diferentes histórias, porém, marcadas por uma narrativa colonial da cidade. Para um coube a valorização de uma agência branca de origem portuguesa no desenvolvimento da Laguna; para o outro ficou um sentimento de invisibilidade e



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



a superficialidade legada a essas populações negras da cidade. O silenciamento nas relações raciais também foi evidenciado nas narrativas em que a branquitude não é reconhecida. Um apagamento que contribui para a permanência colonial do passado no presente.

Porém, foi possível perceber também, a partir de uma discussão do campo da História do Tempo Presente, que as relações que se constituem nas dinâmicas entre presente, passado e futuro, são parte da luta política. Sendo assim, a permanência colonial do passado no presente gera demandas e reivindicações. Essas, construídas no diálogo com a comunidade e trazidas nessa reflexão, evidenciam o passado que não passa enquanto ferramenta política. Além disso, elas destacam a agência histórica e a atuação política da comunidade negra na cidade de Laguna no tempo presente. A partir do diálogo com elas, por exemplo, o Morro do Rosário, que um dia foi território de (re)existência, voltaria a ser um referencial, uma página, na cidade-documento escrita a partir de perspectivas negras. Além disso, a construção dos acervos do espaço no museu e no Centro de Referências, com a comunidade fazendo parte do processo, permitiria a produção de narrativas que dessem novos sentidos ao passado colonial da cidade, contribuindo assim com a luta antirracista.

Por último, destaco que as reflexões críticas aqui desenvolvidas têm por intenção suscitar discussões para o campo do patrimônio como um todo, não só do patrimônio negro, bem como, para o campo da produção e ensino de história, pois acredito que a luta antirracista precisa ser uma luta de todos, brancos e não brancos, e em especial, a partir do trabalho de profissionais da história, comprometidos politicamente com ela. Como diz um provérbio africano: *Até que os leões tenham seus próprios historiadores, as histórias de caçadas continuarão glorificando o caçador.* (GALEANO, 2002, p. 63).

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ANTONACCI, Maria Antonieta. **Memórias ancoradas em corpos negros**. São Paulo: EDUC, 2013.
- CARNEIRO, A. S. **A Construção do Outro como Não-ser como fundamento do Ser**. São Paulo: USP, 2005, p.96 - 124.
- CABRAL, Oswaldo R. **Laguna; e outros ensaios**. [Florianópolis]: IOESC, 1939.
- CARNEIRO, A. S. **A Construção do Outro como Não-ser como fundamento do Ser**. São Paulo: USP, 2005, p.96 - 124.
- FELIPE, Delton Aparecido. Patrimônio cultural negro no paraná: lugares, celebrações e saberes. **Historiæ**, Rio Grande, 6 (2): 117-134 2015.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



GONÇALVES, Janice. **SOMBRIOS UMBRAIS A TRANSPOR:** Arquivos e historiografia em Santa Catarina no século XX. 2006. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

GONZAGA, Gabriel. Território negros: patrimônio, diáspora e tempo. **Revista História e Diversidade** Vol. 7, nº 2, 2015.

JARAMILLO, Maria Matilde Villegas. **Entre os Morros e a Lagoa:** Laguna Cidade – Documento. Dissertação (Mestrado) – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural, Rio de Janeiro, 2016.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF** – Dossiê: Literatura, língua e identidade, no 34, 2008, p. 287-324.

MORTARI, Claudia. O “equilíbrio das histórias”- reflexões em torno de experiências In: PAULA, Simoni Mendes de; CORREA, Sílvio Marcus de Souza. **Nossa África:** ensino e pesquisa (orgs). São Leopoldo: Oikos, 2016. p. 41-53.

MUNANGA, Kabengele, **Negritude: usos e sentidos.** 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

NASCIMENTO, Maria Augusta Geremias do. **A socialização do escravo em tempos de transição à liberdade:** Julia Chrispina do Nascimento, mulher negra e professora (Laguna, SC - 1884/1947). 2006 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Sul de Santa Catarina.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do sul.** 1. ed. São Paulo: Cortez, 2019, p. 73 – 117.

REIS, Aloísio Luiz dos. **“BRINCA QUEM PODE”:** Territorialidade e (In)Visibilidade Negra em Laguna - Santa Catarina. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p. 206. 1996.

ROUSSO, Henry. **A última catástrofe:** a história, o presente e o contemporâneo. Tradução de Fernando Coelho, Fabrício Coelho Rio de Janeiro: FGV Editora, 2016.

SAYÃO, Thiago Juliano. Negras paisagens. Primeiras leituras sobre a demolição e o apagamento da igreja da Irmandade do Rosário de Laguna, SC. In: **Anais do XXVII Simpósio Nacional de História.** Natal - RN - Brasil, 2013.

SCHAFER, R. MURRY. **Vozes da tirania:** templo de silêncio/ R. Murry Schafer; traduzido por Marisa Trench de Oliveira Fonterrada. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

TANCCINI, Thaís. **Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Porto Alegre:** entre a destruição e a preservação patrimonial. Porto Alegre, 2008. Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

WOLFF, Cristina Scheibe. Historiografia catarinense: uma introdução ao debate. **Revista Santa Catarina em História** - Florianópolis - UFSC – Brasil ISSN 1984- 3968, v.1, n. 1, 2009.

ZUBARAN, Maria Angélica; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. INTERLOCUÇÕES SOBRE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS: Pertencimento étnico-racial, memórias negras e patrimônio cultural afro-brasileiro. **Currículo sem Fronteiras**, v.12, n.1, pp. 130-140, Jan/Abr 2012.